

AÇÃO DIRETA

VERDADE PARA HOJE E SEMPRE

Enquanto houver Estados, não haverá paz.
Haverá somente tréguas mais ou menos
longas e os armistícios feitos deixam la-
tente a guerra para esses eternos belige-
rantes, os Estados.

Miguel Bakúnin (Obras, IV, 274)

SEMENARIO ANARQUISTA

PREÇO C\$ 0,50

Director: JOSÉ OITICICA

ANO I

Rio de Janeiro — Segunda-feira, 30 de setembro de 1946

N.º 21

UM GRITO SOLIDARIO Os Guerrilheiros da Espanha, Vanguarda da Liberdade...

Volto ao mesmo tema, pouco importa que alguém possa criticar a minha insistência sobre o problema espanhol. Quero um mundo livre e humano e, por esse mundo por que tanto anseio, lutam neste momento os bravos guerrilheiros da Espanha, essa Espanha mártir, que assombra pelo heroísmo e abnegação de seus filhos, que numa epopéia sublime derramam o sangue generoso em defesa da justiça e da liberdade.

Em frente à covardia internacional, quando as chamadas grandes potências, invocando pomposamente o nome da Democracia, permitem que Franco e suas hordas sinistras exterminem aquele povo maravilhoso, permanecer em silêncio é ser cúmplice consciente dos seus crimes abomináveis.

Tudo é mentira..

O nome da Democracia, nome que tanto elevaram os gregos do passado, serve hoje de máscara grotesca para cobrir os baixos sentimentos de homens que, invocando a liberdade e a justiça, querem oprimir o mundo continuando a obra maldita do nazismo.

Truman desonra o pensamento político de Roosevelt, arrojando ao solo a herança que lhe deixara aquele paralisado de alma grande e generosa. Atlee, o pseudo-socialista, demonstra na prática que é mais reacionário que o próprio Churchill cuja política com relação à Espanha ele tanto combatera durante a campanha política. Bidaut esquece a França, essa França generosa de 1789, de 1848, da Comuna de Paris, de Luiza Michel, de Elisée Reclus, permitindo que, ao lado das suas fronteiras, se cometam os crimes mais repugnantes que registra a História Humana.

Por MANOEL PERES

Silêncio é covardia

Jamais ficarei em silêncio. Tenho com o povo espanhol, com a C. N. T. e o Movimento Libertário, uma dívida de gratidão. Com eles lutei nos campos de Ibéria e com eles vivi os dias mais felizes e emocionantes de minha vida. Se a distância que nos separa impede que possa ajudá-los com as armas na mão para vencerem a tirania franquista, de longe elevarei com vigor o meu grito de protesto para denunciar ao mundo os crimes de que são vítimas.

Sim. E preciso que o mundo saiba que as chamadas democracias são cúmplices diretos de Franco e sobre elas cai, como maldição suprema, o sangue dos mártires trucidados pelas hordas sinistras da Falange.

Um Grito de Angústia

Eis o telegrama chegado da França que é um grito de angústia dos bravos combatentes da resistência. A esse grito de angústia devemos responder com um gesto solidário a favor dos queridos irmãos.

«...Aconteceu grave desgraça à nossa família na Espanha; mais de 300 detidos só na província de Málaga, Andaluzia; informaremos por carta. Continua a luta contra Franco e Falange. Mais do que nunca é necessária a solidariedade internacional. Abraços. Esgleas, Secretário da C.N.T. e Movimento Libertário Espanhol.»

Da carta recebida dias após esse telegrama são os seguintes parágrafos:—«Nos comissariados de polícia s

nos quartéis da Guarda Civil são aplicados tormentos aos presos políticos; os chacais da Falange praticam atos impróprios de países civilizados. Em vários pontos da Espanha, há verdadeiras escaramuças entre os desconformes com o regime franquista e as suas hordas mercenárias.»

Libertários do Brasil.. Homens amantes da liberdade.

Nesta hora de vergonhas e claudicações, um punhado de bravos, lá nas terras férteis da Espanha, numa epopéia sublime de heroísmo, defendem a dignidade dos homens livres do mundo..

Eles não podem ficar abandonados nesta luta pela causa da liberdade. Não esqueçamos que a solidariedade é, para os libertários, a base fundamental da sua própria existência.

O apoio moral não é suficiente nestas horas de prova; urge ajudar economicamente os nossos irmãos da Espanha Um, dois, cinco, dez cruzeiros nada representam neste momento de descalabro econômico para o orçamento dos nossos lares. Com eles, porém, contribuiremos para a luta contra o regime franquista e aliviaremos as dores cruciantes das mães espanholas.

Pela causa da liberdade. Contra o terror franco-falangista..

Ajudai os guerrilheiros da liberdade enviando vossos donativos. Desta forma cumprireis o vosso dever de homens livres e conscientes...

Abaixo a ditadura Franco-falangista..

Deixai passar o trabalhador

Por P. Ferreira da Silva

Isto pode ter o jeito de um conto ou novela sintética, para dar mais força de convicção. Para figurar um exemplo que possa impressionar. Para imprimir certa cor viva a uma hipótese. Para deixar um alerta, um exemplo, um protesto.

Pela rua da Carioca descia um homem apressado de tez queimada e vestes amarrotadas. Um tram da Leopoldina despejava-o lá de cima, e um bonde o trouxe até a Praça Tiradentes. Corria para o centro bancário. Como quem receia perder a hora de um encontro.

Dobrou a esquina da Avenida ao desembocar do pedaço inicial da Rua da Assembléa. A calçada estava cheia de gente. Gente vagarosa, gente parada, gente olhando, gente não fazendo nada. E o homem tinha pressa. Esbarrou num grupo. Rapazes de ombros artificiais seguiam com os olhos as moças de cores artificiais. Zangaram-se com o forasteiro. Ele não ouviu.

Mais adiante, outro grupo barrava-lhe a passagem. Quis contorná-lo, descendo do meio-fio. Um automóvel sem freios roçou-lhe os quadris. Teve medo. Atrapalhou-se. Pensou em atravessar para o outro lado, em busca de melhor passagem. Vinham carros mais carros sem freio pelo asfalto sem barreiras. Não calculou a distância, a velocidade e o resto. Caiu enrodilhado diante das rodas pesadas. A ambulância veio depois.

Quem foi o culpado? Não importa averiguar. O grupo estava ainda entregue à distração ociosa, mas reparou no acidente. Os rapazes riram. Fizeram troça do matuto que não sabia andar na cidade.

Um deles era doutor. Doutor

de nada. Filho de fazendeiro, gastando na cidade o que a roça produzia. Poucos dias depois, tinha de voltar. Recebeu um telegrama avisando da desgraça. O fogo queimara tudo. Era melhor não ir. Procurar emprego, porque o pai não tinha nada. A apólice de seguro não fora renovada. A companhia não pagou.

Porque não foi renovada a apólice? Porque o fazendeiro mandara um empregado à cidade para o fazer, e o empregado sofrera um acidente. Era o último dia do vencimento, a hora apertava, ele corria para a companhia de seguros, o grupo onde estava o filho do patrão que ele não conhecia atrapalhou-o, caiu, foi carregado pela ambulância. O prazo esgotou-se, a apólice ficou sem resgate; essa fatalidade trouxe outra, o fogo devorou tudo, o rapaz ocioso teve de trabalhar.

Quem diz que isto não pode acontecer? Quem diz que as dezenas, centenas de ociosos parados nas calçadas em horas de pleno labor não causam desgraças assim?

E, se não são ociosos, se estão apenas gozando o descanso de quem já cumpriu a sua tarefa, pelo menos deixem livre o espaço por onde tem de passar quem leva sobre si a responsabilidade de um recado com hora certa, de um prazo a vencer, de uma ordem indispensável ao funcionamento de indústrias, de multidoes de coisas que a massa fluante de trabalhadores da cidade tem de fazer para completar os trabalhos das fábricas, dos estaleiros e dos campos.

Nós trabalhamos por necessidade, mas não pensem que é só a necessidade individual. É também a necessidade de cumprir um dever, a necessidade coletiva que nos impulsiona.

Em certas horas, o bonde carregado de gente pebéia e laboriosa, não pode mover-se porque a rua estreita fica atravancada de automóveis grandes, ocupando um espaço enorme, com uma ou duas pessoas folgadoamente refesteladas nos seus fofos assentos. Porque não arranjam outras ruas para correr? Porque não estacionam onde o seu tamanho não seja afronta aos que se comprimm e psem e apertam, nos estribos do bonde?

Ociosos da calçada, desportistas do volante, comodistas do regresso a casa em carros espaçosos, já basta a vossa inutilidade de ornamentos de uma vida que é para vós tão suave, como é dura para todos os que trabalham. Pelo menos, não roubeis também o espaço, o tempo e a paciência ao homem que vai depressa porque tem sonda de ir. Deixai passar o trabalhador.

Reforço para Ação Direta

COMPANHEIRO! Você leu AÇÃO DIRETA? Comprou a sem dúvida, mas saiba que um exemplar de AÇÃO DIRETA, a 50 centavos, dá DEFICIT, porque nos custa 80. Com 40 por cento ao distribuidor, baixa o preço a 30 centavos. De modo que o DEFICIT, em cada exemplar, é de 50 centavos.

Se você deseja cooperar na manutenção de AÇÃO DIRETA, escreva-nos para Rua Buenos Aires, 147, A - 2º andar - Rio, marcando uma contribuição mensal. Nossas contribuições vão de 10 a 200 cruzeiros. A hora é de sacrifícios e o companheiro não deve poupar nenhum para manter e desenvolver nosso periódico.

A causa merece e o exige!

PARTICIPAÇÃO NOS LUCROS

Novo engodo para desvirtuar a luta do proletariado contra o capitalismo

Atendendo a um convite da União Democrática da Mocidade, comparei, na noite de 21 do findante mês, numa reunião convocada com o nome de mesa redonda, rua Visconde de Inhaúma, 113. Discutir-se-ia o tema da participação dos operários nos lucros das empresas, coisa concedida espetacularmente pela recalcitrante Constituinte da República brasileira.

Presentes dois deputados, José Augusto e Café Filho, um quase deputado, Azevedo Lima, e representantes de várias associações ou jornais. O fim seria enviar ao sr. presidente da República um memorial que servisse de norma à elaboração da lei reguladora dessa tal participação.

O secretário, também delegado de uma instituição, para concretizar o assunto, propôs uma dezena de teses muito bem discriminadas.

Pedindo a palavra pela ordem aleguei falta na lista de uma proposição preliminar para mim da mais alta importância. Formulei-a assim: «Será útil ao proletariado essa participação?»

Defendendo meu modo de ver, declarei a participação coisa extremamente nociva à solução do problema econômico em sentido anticapitalista.

A participação nos lucros é considerada medida de esquerda, portanto medida antiburguesa.

Fomos ali convocados para colaborar na realização dessa medida suposta salutar, sem examinar sequer seu alcance, seus reflexos na própria luta social.

Ora, um leve exame revelaria logo o detestável efeito dessa pretensa conquista.

Em primeiro lugar, a participação nos lucros, longe de ser ação anticapitalista, redundaria no reco-

hecimento do capitalismo por instituição justa e no seu reforçamento, pois torna o proletariado igualmente capitalista.

Alegar que a participação vem acompanhada da fiscalização feita nos livros pelos próprios operários ou seus sindicatos, resultando disso uma *capitis deminutio*, um perda de direitos do empreendedor. Ainda assim, e mormente assim, temos esses operários transformados em sócios de indústria da empresa. Não há nenhuma diferença. Os sócios de indústria também fiscalizam os livros e participam dos lucros, chamados, no comércio, *dividendos*. A diferença única está em que os sócios entraram com *capital dinheiro* e os operários ou empregados entraram com *capital trabalho*.

Ora, o que pretendeu sempre a revolução social foi *extinguir a exploração do homem pelo homem*, exploração exercida historicamente pelo regime *capitalista* patrocinado pela instituição social chamada *Estado*.

O fim, pois, do proletariado, o consciente dos princípios revolucionários, vindos desde a revolução francesa, é *aniquilar o regime capitalista pela apropriação da terra e dos meios de produção*. Para os verdadeiros revolucionários sociais, toda a propaganda deve ter por escopo esse ideal, essa finalidade e nenhuma outra. Dirigir pois o proletariado para outro rumo é *trair a sua causa*, é *colaborar com os mantenedores do capital*, isto é, com os inimigos mais acesos do trabalhador.

Supor que os capitalistas vão ser, por esse processo, apeados das suas riquezas é uma infantilidade lastimável. Pouco monta a um capitalista que afaere, digamos, cinco mil contos de lucros.

Continua na pag. 3

Setembro, mês fértil

Dia da Independência

Dia em que fugiu o passarinho à boca da raposa, para cair na do lobo, Troca de Senhores. Contudo, festeja-se!

Tropa na rua, o povo em casa. É que se fôra mais uma esperança, e surgira nova decepção. Muda o médico por outro, quando o processo da doença já vem de longe e o caso é perdido, é transferir, apenas, o direito de atestar o óbito.

Passa o Presidente. Os poucos que estão pelas ruas, parecem mortos de inanição; estão frios! Não teria sido assim, certamente, se houvesse conservado o D. I. P., também sob a direção de um pau-dágua. As mentiras e a demagogia torná-lo iam um ídolo, um novo «pai dos pobres».

Poderá vir a ser, no entanto. O outro chegara a passar, várias vezes, por entre a indiferença popular. Mas que transformação! Desatou a prender, caluniar, mentir, assassinar, perseguir e a subornar. e ei-lo ídolo, depois de estar a cair de pôdre!

A população civil, todavia, pôde lavar o seu protesto, com a ausência ou indiferença. O soldado, coitado, esse não teve a mesma sorte. Formou, como sempre, contra a vontade, porque nunca chegou à mesma conclusão de um dos fundadores do militarismo prussiano: — «Se os meus soldados pensassem um pouco, no dia seguinte, não teria um só em minhas fileiras!»

Quebra, quebra! Fogo!

Fizera-se, em virtude de uma greve, intervenção militar na

Leopoldina, outrora nacional, hoje inglesa. Para saber das suas possibilidades foi vista a sua escrita. Os técnicos declararam não entendê-la! Conformou-se o governo... mais uma vez...

Tudo vai bem. A partir do mês de setembro, classe única, aumento de passagens: a segunda classe pagará o dobro. Os Leopoldinenses conformam-se como já se conformaram de uma feita e como sempre estiveram, com a imundice dos carros e das estações e com o viajarem, promiscuamente, com pulgas e percevejos... autêntico!

É demais. Apesar mesmo do aumento, atrasam-se os trens, e como se atrasam! Quebra, quebra! Vamos botar fogo!

Trens quebrados, trens incendiados. Corre a polícia; o povo foge. Riem-se os magnatas. No dia seguinte, correm trens sem bancos, chamuscados e, como sempre, sujos. O povo é brasileiro, a companhia é inglesa e os interventores são militares.

Carta Magna

Sessão solene, mas já com bate-boca. Novas sessões. Discute-se, insulta-se, fazem-se gestos menos dignos, atiram-se pontapés às regiões glúteas de «nobres colegas».

Gargalha cá fora o «câmbio negro» e o povo, sem azeite para a lanterna, procura, mesmo assim, os alimentos como Diógenes já procurava um homem.

O tempo corre. Marca-se data, é preciso terminar. Tudo vago, tudo confuso!

CONFERÊNCIA

O companheiro José Oiticica realizou a sua anunciada conferência na Sociedade Cultural do Meyer. Às 8 e meia, foi ele apresentado ao auditorio pelo jovem companheiro João Luiz Ney e, após algumas palavras do presidente, iniciou Oiticica sua palestra sobre a Organização futura da sociedade. Oiticica falou sobre a inquietude

Faz lembrar a história do pintor que somente a tela em que devia pintar a Travessia do Mar Vermelho, pôde adquirir Inauguração! Pálida a tela, não de comovida; por falta de tinta, apenas.

Todos querem ver! Onde Moisés, onde a cavalaria do Faraó, onde o mar?! Tudo vago, tudo confuso!

Vem o pintor e explica. Moisés já passou... e a cavalaria ainda não chegou. O mar arredou-se, para passar Moisés e daí, a «areia», o «fundo»...

Congresso Trabalhista

O Ministro do Trabalho ouviu a D. João VI. Organiza o Congresso Sindical, antes que outro ou outros aventureiros o fizessem.

Como D. Pedro I, quer submissão à sua vontade. Não havendo sido satisfeito, assim como o príncipe fizera com a Constituinte de 1823, êle, Ministro, dissolve o Congresso.

Só num ponto diferem, Príncipe e Ministro. Enquanto aquele gritou: — «Independência ou Morte!» — este berrou: — Dependência ou Morte!

Seraphim Porto

humana atual e a tremenda decepção dos homens ante a impossibilidade de uma solução aceitável do problema mundial. A solução, para os religiosos, está na religião bem cumprida; mas a história, ainda a contemporânea, como na Índia e na Palestina, mostra ser a religião mais elemento de profunda discórdia, que de laço de união. A solução para os políticos está nos sistemas de governo; mas todas as fórmulas de governo têm sido tentadas: teocracia, monarquia autocrática, monarquia representativa, parlamentarismo, república federativa, oligarquia, ditaduras, república socialista.

Todos esses sistemas revelaram-se incapazes de resolver um só dos problemas sociais: miséria, prostituição, jogo, alcoolismo, exploração, etc., etc.

É que nenhum sistema religioso ou político tratou de ver o mal único onde se acha.

Habitados os homens, milenarmente, à propriedade particular não viram nesse instituto a fonte perene de todos os males.

Longe disso, religiões e estatutos políticos consideram a propriedade instituição sagrada e o direito romano definiu-a como o direito de usar e de abusar dos bens reconhecidos seus.

Com essa mentalidade, impossível é descobrir a moléstia e achar-lhe o remédio.

Ora, desde a revolução francesa, espíritos seletos conseguiram entrever o fundamento da falsa organização econômica e o denunciaram; porém, nenhum o fez com tanta lógica e minúcia exegética quanto o saudoso José Pedro Proudhon. Proudhon chegou à fór-

mula exata, incontestável, de que a propriedade é o roubo. Essa identidade foi provada com tão concludentes argumentos que, em torno dela, se constituiu toda uma teoria social nova, confirmando as asserções daqueles revolucionários franceses a que o juiz Brissot apelava les'anarchistes.

O livro de Proudhon foi realmente a base do moderno anarquismo e o sistema de organização social firmado no anarquismo tem o nome de federalismo econômico.

Passou Oiticica a expor em que consistia esse regime social, diametralmente oposto ao sistema capitalista, isto é, o sistema da propriedade particular.

Estendeu-se longamente a expor a organização das comunas livres de produção segundo os ecúmenos geográficos. Como não reconhecem elas o direito de propriedade, torna-se inútil a moeda, o dinheiro. Também não admite as trocas porque troca supõe propriedade e a avaliação, o preço.

Expôs como funciona a distribuição considerando-se todo produtor com direito a auferir tudo quanto lhe é necessário de-de que dê a comunidade quanto esta lhe pede.

Servindo-se da pedra e do gis de-enhou um esboço da comunas produtoras e dos centros de coordenação.

Examinou o lado higiênico, a feição pedagógica, artística, social das comunas evidenciando como em tal regime, o vício é impossível, a exploração irre realizável e os crimes, se os houver, decairão a proporções mínimas.

(Continua na 3ª pag.)

A DOCTRINA ANARQUISTA AO ALCANCE DE TODOS

JOSE' OITICICA

Continuação do numero 20

O Estado bolchevista conserva a moeda e o salário. Mantém, portanto, dizem os anarquistas, tudo quanto ba-ta para indicar a permanência da propriedade particular Terras, imóveis, fábricas, vias-féreas é tudo do Estado, mas os habitantes são proprietários do seu salário e aquilo que compram com êle. Estão na mesmíssima situação de antes. A mudança única foi esta: em vez de muitos capitalistas, haveria hoje, na Rússia, um capitalista só: o Estado. Suponhamos que na Alemanha, Hugo Stines houvesse conseguido comprar todas as minas, todos os prédios, todos os navios, todas as estradas de ferro, etc. Seria o único possuidor ante 60 milhões de não-possuidores. Nem por isso estaria extinta a propriedade particular.

Sendo os trabalhadores donos do seu salário, quer dizer, o dinheiro pago pelo Estado, nada impede que uns economizem mais que outros, emprestem a juros, façam agiotagem, comprem num lugar para vender noutro, conforme a lei da oferta e da procura, acumulem, joguem, entesourem, enriqueçam, enviem para o exterior suas economias, formem assim, pouco a pouco, uma plutocracia triunfante. Com êsse dinheiro junto, êles facilmente irão galgando as posições de comando por meio dos empréstimos aos poderosos e influirão fatalmente na política do Estado pseudo-comunista para desvirtuá-lo e torná-lo novamente capitalista. É o que está sucedendo na Rússia. Os chefes do Partido Comunista, ainda em vida de Lênin, foram forçados à primeira mudança, às primeiras concessões, permitindo bancos estrangeiros na Rússia, fazendo contratos com firmas estrangeiras, dando liberdade de comércio a certas firmas e indivíduos.

Essas concessões, asseveram os anarquistas, são fatais e multiplicar-se-ão com o tempo.

O Estado soviético há de voltar a Estado capitalista como qualquer outro. Será necessária outra revolução para chegar-se ao comunismo.

Todavia, a revolução russa, conquanto para os anarquistas houvesse vindo confirmar suas previsões, produziu grande alvoroço e foi uma extraordinária afirmação do ideal comunista. Veio acentuar bem, aos olhos dos capitalistas, que a tendência para a anarquia não é mero sonho de alguns alucinados, mas realidade tangível e muito mais próxima do que supunham.

Desiludidos do processo revolucionário bolchevista, os trabalhadores compreenderão que o único meio de instituir solidamente o comunismo é mudar prontamente a mentalidade do proletariado tirando-lhe dos olhos o Estado-providência e fazendo-o viver logo a vida sem o meu e o teu. Algumas semanas de tateamento para a adaptação à nova ordem de coisas ensinar-lhe-ão muito mais que dez anos de propaganda intensiva num regimen estatal.

79 — Males do Partido político — Contra o programa do socialismo autoritário opõem ainda os anarquistas o preceito, diariamente verificado, da ineficiência dos partidos políticos. Essa ineficiência provém do desvirtuamento natural das idéias, ou melhor, do ideal doutrinário com as lutas pequeninas das campanhas eleitorais. Os indivíduos, presos por questões de interesse, ansiosos de vitórias parlamentares, visando grande número, à satisfação de ambições pessoais, vão insensivelmente tergiversando, transigindo aqui e ali, entrando em conchavos e acordos, todos mais

ou menos deturpadores dos princípios fundamentais.

Isso que se tem dado em todos os países, com todos os partidos, socialistas ou não, deu-se precisa e eloquentemente com a social-democracia alemã, isto é, com o partido fundado pelo próprio Karl Marx o tal socialismo autoritário de onde saíram os bolchevistas russos.

O escritor holandês Nomela Nieuwenhuis, escreveu um livro notável, intitulado O Socialismo em Perigo, especialmente para mostrar o sério inconveniente dos partidos, exemplificando com a social-democracia, tão inimiga do anarquismo.

O partido gera naturalmente o partidismo. Os seus aderentes são logo sujeitos a severa obediência às decisões de um diretório. Êsse diretório é constituído pelos homens de maior prestígio, digamos, os de mais dinheiro, instrução ou habilidade política. Êsses indivíduos, possuidores ou representantes de cargos mais importantes ou mais rendosos para si ou para os seus e facilmente cogitam de obtê-los por quaisquer processos. E assim, vão-se as idéias, os programas, com prejuízo sério da massa proletária ou dos cidadãos sinceros.

O partido comunista russo, apossando-se do poder, mau grado a tremenda ditadura terrorista, implantada por êle na Rússia, há de sofrer, e está sofrendo, a mesmíssima nefasta ação dêsse mal inevitável. Com efeito, para salvar o partido, mantê-lo no poder, não trepidam em variar de planos, de idéias, de fazer concessões, recuos necessários — como dizem —, de exercer sobre os soviets uma inacreditável opressão, suscitando, por toda a parte, descontentamentos profundos

e plantando germens de revoltas insopitáveis.

Nós, anarquistas, aliás, nada censuramos no procedimento deles. Fazem o que pregam, executam o que supõem melhor. Cada qual tem o direito de procurar realizar os seus ideais. O que, porém, não podemos aceitar é a imposição do partido comunista russo a todos os socialistas do mundo. Para êles, só os processos bolchevistas servem, e, ou se faz a revolução mundial com êles, ou não se fará. Todos os discordantes, em qualquer país, são considerados contra-revolucionários e inimigos do comunismo.

Vejam agora, mais de perto, como se propõem os anarquistas organizar a sociedade comunista de feição libertária, ou não-autoritária.

Terceira parte

I

80 — Centralismo e federalismo — Os socialistas autoritários pregam o centralismo, isto é, a organização social centralizada nas mãos de um poder único, diretivo, de um governo onipotente, que todos os poderes locais, todas as agremiações, todos os agrupamentos sociais obedecem e prestem auxílio.

Opinam êles que, sem isso, não serão os proletários suficientemente fortes para lutarem contra o capitalismo e os contra-revolucionários. Estendem mesmo es a febre centralista aos agrupamentos revolucionários de todo o mundo. Assim, fundaram a chamada Internacional Sindical Vermelha para a qual coavidaram todos os sindicatos operários do mundo. Inscritos todos êles nessa Internacional com sede em Moscou, poderão, disciplinadamente, executando as ordens emanadas dêsse centro, operar, com eficiência,

contra o inimigo comum. Se há uma frente única burguesa, faça-se a frente única proletária. Êsse modo de proceder está de acordo com a doutrina marxista do Estado intermediário com a ditadura do proletariado e o seu consequente terrorismo político.

A êsse processo opõem os anarquistas, desde o tempo de Bakúnin, o federalismo. Sendo o fim do anarquismo passar imediatamente do capitalismo ao comunismo anárquico, o processo de arregimentação das massas proletárias não pode ter êsse caráter de centralização disciplinada.

Nosso sistema é o seguinte: nas numerosas zonas agrícolas ou industriais, os trabalhadores agrupam-se em sindicatos conforme as suas profissões ou ofícios. Êsses sindicatos federam-se em certas regiões, mantendo entre si as ligações necessárias e todos dentro das mesmas idéias e com a mesma finalidade. Êssas ligações são mantidas por delegados dos sindicatos em assembléias frequentes, sendo as decisões dessas assembléias sancionadas ou não pelos sindicatos.

Por sua vez, as federações dos diversos países ou das diferentes zonas formam entre si uma confederação sob os mesmos princípios, com seus congressos anuais.

Temos assim; a — inteira autonomia do sindicato celular da organização comunista futura, autonomia extremamente necessária para habituar os trabalhadores a agir por si mesmos e neles criar a mentalidade indispensável a um regime libertário; b — a prática, desde já, do livre acordo e da disciplina moral, em vez da subserviência a ordens de chefes; c — a absoluta abstenção de política interna incitadora sempre de ambições de mando, ressentimentos, enredos perniciosos e intrigas de partidos.

CONTINUA

AÇÃO ANÁRQUICA

SOBRE A IGUALDADE

É comum ouvirmos dizer da parte de reacionários, de privilegiados, de usurpadores, de parasitas, que a igualdade é um mito ou um absurdo; Alegam: — «Se não há duas criaturas iguais, como é possível que a humanidade seja igual?» Ou: — «A natureza não admite igualdade; nem os dedos da mão são iguais...»

Esses argumentos são absolutamente destituídos de nexo e fogem ao sentido de igualdade, pretendido pelos idealistas que aspiram à felicidade do gênero humano. Tal igualdade seria impossível.

Encaramos a tese por um prisma diverso do que esse que faz crer a burguesia. Não somos estúpidos a ponto de sonharmos com uma sociedade cujos componentes pensassem e agissem uniformemente. Seria ridículo desejarmos que os homens fossem perfeitamente iguais como as peças fabricadas por uma máquina. Pretendemos uma igualdade possível, de caráter econômico-social. Uma igualdade que permita a todos «produzirem segundo suas forças e receberem segundo suas necessidades». Os homens não são distinguidos pela natureza: — nascem e morrem pelo mesmo princípio e pelo mesmo fim. São dotados dos mesmos sentimentos, desejos e emoções. Necessitam comer e repousar da mesma maneira.

As desigualdades são uma ficção a serviço da «exploração do homem pelo homem». O capitalismo lhe deu origem e sua influência só se extinguirá quando este for banido da sociedade. A religião, a despeito de pregar a igualdade humana, é um dos fatores que concorrem grandemente para a conservação desse vergonhoso preconceito. Por exemplo, a católica distingue as criaturas conforme seus recursos, de maneira evidente. Seus ofícios são cercados de aparatos proporcionais à condição social de cada indivíduo. O casamento e o batizado variam conforme o pagamento. A graça de Deus para as almas depende do número de missas. E assim, os ricos «compram passagem» para o Céu, os remediados para o Purgatório, e os pobres são obrigados a contentarem-se com o Inferno...

As distinções individuais, na realidade, não existem. Um indivíduo que se dedica a uma atividade cerebral não é superior ao que moureja no trabalho físico. Um pedreiro, por exemplo, ou um mecânico vale tanto quanto um cientista ou um escritor ou qualquer outro intelectual. Todos os profissionais são igualmente úteis e indispensáveis à comunidade. Seria infantil idealizarmos uma sociedade cujos representantes fossem na totalidade sábios e doutores. Os homens são e serão sempre dotados das mais variadas vocações. Mas a profissão não demonstra maior ou menor grau de inteligência. Um sapateiro que produz bons sapatos ou um marceneiro que faz bons móveis é mais apto que qualquer titulado mediocre. A capacidade de cada um depende tão somente da adaptação ao mister adotado.

Não temos a ingenuidade de acreditar no sucesso de um mundo governado por uma «ditadura proletária» conforme pretendia Karl Marx. É um fato sociológico que foge às normas do bom senso. Tal programa conquistaria apenas a simpatia dos operários incautos, seduzidos pelo desejo de poderio e grandeza, mas o desastre seria inevitável. Acontece

o que sucedeu na Rússia, que se viu desastrosamente arrastada a uma ferrenha ditadura militar, perdendo o povo a mais bela conquista humana: a liberdade. Ao trabalhador não interessa governar. Interessa-lhe, sim, libertar-se do jugo da exploração a que vem sendo submetido através dos tempos. Trabalhar! mas não escravizar-se para enriquecer os patrões, os intermediários, os magnatas, engordar a burocracia ou sustentar as classes parasitárias. Cooperar para o bem comum, isto sim. Viver dentro dos princípios mais sublimes de humanidade; mas, não, esperar de braços cruzados que os partidos políticos reivindicuem esses direitos; lutar por eles, sem desfalecimentos, até que seja uma realidade. A vitória de qualquer ideologia depende dos trabalhadores, por serem mais numerosos que os elementos parasitários da coletividade. Suas conquistas no campo social evoluem dia a dia, graças aos esforços dos revolucionários que renunciam tudo em troca do ideal. Em breve, os trabalhadores de todo o mundo estarão unidos para impor os seus direitos de verdadeiros construtores da grandeza econômica do mundo. Repudiarão as mentiras e promessas dos mal intencionados políticos cantando o hino que ecoará por todos os recantos da terra: — Abaixo os chefes! Abaixo os patrões! Abaixo os capitalistas! Abaixo os intermediários! Abaixo os usurpadores! Viva a Liberdade! A terra ao camponês. As fábricas e as oficinas aos operários!

Os regimes sociais em vigor em todos os continentes são fósseis e estão-se destruindo por si mesmos. Nenhum governo corresponde às aspirações do povo.

Um regresso à natureza salvará o mundo. Grandes transformações se preparam para os povos: uma civilização que terá por princípio a Igualdade, a Liberdade e a Fraternidade está em marcha. Já a vislumbramos no horizonte. Será a Sociedade Ideal. Nela os homens viverão em perfeita harmonia desde o mais simples artezão ao mais refinado intelectual, livres de qualquer distinção. Algumas horas de trabalho voluntário e fraternal aplicado a objetos de utilidade ou concernentes ao belo serão suficientes para satisfazer as necessidades diversas e afastar dos homens o fantasma que angustia as duas correntes da humanidade: — uma de morrer de fome e a outra de perder suas riquezas.

Raul Vital

(da Juventude Libertária)

Estudos sociais

(Continuação da 3ª pag.)

Só assim, aproveitando-se da ignorância popular e pela propaganda da superstição, conseguiram as castas sacerdotais impor ao resto da humanidade suas funestíssimas formas de direção do espírito e subordinação política, a ponto de um faraó não se julgar apenas representante de Deus na terra, senão ele mesmo, a própria divindade.

O progresso exige a compressão dessas verdades para independência dos homens.

J. L. Ney

PARTICIPAÇÃO DOS LUCROS

(Continuação da 1ª pag.)

largar a metade a seus novos sócios. Donos da produção, eles facilmente aumentarão os preços de venda (a superavalia) e voltará tudo ao mesmo pé.

Levantou-se, na assembléia, uma objeção esperada: os sindicatos, dominando a empresa, velarão para que não ocorra essa elevação de preços.

Santa ingenuidade! Dar-se-á fatalmente o mesmo que se deu quando o Estado Novo, o do *país dos pobres*, taxou fortemente os lucros excessivos. A medida pareceu altamente socialista; mas, os experientes das manobras capitalistas viram logo onde ia bater a flecha. Quem já viu lobo comer lobo? O Estado Novo cevou numerosos porcos insaciáveis e precisava, como sucede a toda ditadura, de quantias sempre crescentes. Taxar mais o povo, diretamente, seria estrupício; mas taxar indiretamente, com cara de socialista, era uma beleza! Resultado: o próprio governo, pai dos pobres incitou os capitalistas a terem lucros mais excessivos afim de obter para seus gastos, maior fatura.

Os operários que viem possibilidade de maior ganho ao fim do ano, serão certissimamente os primeiros a exigirem a elevação dos preços de venda. Tornaram-se sócios, aburguesaram-se, a coíça econômica lhes ronca nas tripas e lá se vai a solidariedade proletária em proveito agora da solidariedade capitalista.

Teremos então corrida na alta, novas exigências do funcionalismo, não participante em lucros, nova algazarra do *infraproletariado*, permitam-me a expressão, afogado nos seus salários módicos e na sua ínfima participação em lucros.

E este é o ponto: a divisão do proletariado em várias camadas, três pelo menos: a do *superproletariado*, composto dos operários dos grandes bancos, das grandes indústrias, do grande comércio, capazes de dar-lhe pingues lucros; o *infraproletariado*, composto de trabalhadores por conta própria, operários de pequenas ou pequenas indústrias, funcionalismo lotado nas mais baixas letras, etc. finalmente, o *médio proletariado* composto das pequenas indústrias arrazados de impostos, afogados pela alta de todos os preços, funcionários das letras médias, intelectuais do jornal, do magistério, dos cartórios, etc.

O superproletariado aburguesou-se imediatamente. É o que sucede todo o dia com os trabalhadores que, por sorte, acumulam capital e se põem a trabalhar por conta própria, passando a patrão. Esquecem, com raras exceções, sua condição de operários e ingressam de bom grado, na média burguesia.

Teremos assim, fatalmente, um proletariado satisfeito que vai ser manobrado eficientemente contra as outras duas classes, mormente a ínfima.

Ainda admitindo abatimento do capitalismo com a participação, esse abatimento será somente *vertical*, mas dar-se-á extraordinário acréscimo *horizontal*. Formar-se-á uma classe de obreiros abastados, e esses se agarrarão ao capital com unhas e dentes. Se a pequena burguesia já é um peso morto na revolução social, que não vai ser esse proletariado com sua renda anual por menor que seja.

Não podiam os políticos ter inventado melhor morfina, melhor

virus de separação e discórdia proletária.

Eles sabem o que fazem.

Temos agora de considerar precisamente este ponto capital: de onde partiu essa idéia da participação dos operários nos lucros das empresas?

Partiu de um convênio operário? Partiu de uma imposição sindicalista? Partiu de uma luta encarniçada de que saísse vitoriosa a massa operária?

Nada disso. O artigo constitucional foi proposto, aqui no Brasil, pelo sr. Agamemnon Magalhães, um dos mais acirrados fascistas e violentos interventores do sr. Getúlio Vargas e foi fortemente apoiado pelos deputados trabalhistas e católicos. Vem pois da ala mais ferrenhamente antisocialista (1).

Perguntamos nós: «Não teriam esses amigos do povo (ia dizer da *onça*) examinado acuradíssima mente todos os prós e contras dessa estardalhante medida? Sobretudo, apoiada pela Igreja Católica, de si mesma capitalista com C maiúsculo, não parece extremamente suspeita?

A suspeição foi reconhecida por toda a *mesa redonda*. Ninguém discrepou nesse ponto. A medida enchia evidentemente as vistas dos elementos mais reacionários. A conclusão, pois, deveria ser uma só: abramos os olhos do proletariado, mostremos-lhe a nefanda cilada que lhe arma a reação procurando excelente meio para dividir e destroçá-lo.

Pois, só eu na assembléia concluí assim. A maioria propendeu para a aceitação da venenosa droga. E qual a razão expendida em favor? Ser a medida fato consumado, estar consagrada na Constituição e, portanto, não haver outro recurso senão regulamentá-la e pô-la em prática.

Evidentemente, quinze anos de ditadura com domínio pleno do Ministério do Trabalho desensinaram a geração atual do que seja *luta de classes*.

Proteste contra essa absurda idéia de aceitar o *fato consumado*. Luta de classes é precisamente a não admissão de fatos consumados. Fato consumado desde séculos é a propriedade particular, é o capital explorador, era sua magestade o rei, é sua santidade o papa, etc., etc. e todos esses fatos consumados vão sendo repelidos, denunciados, desfeitos e depositos.

Os fatos consumados de Mussolini levou-os a breca e o diabo levou os de Hitler, como um dia levará os de Stalin e quadrilha.

O império inglês é um fato consumado indesejável como os demais imperialismos de qualquer cor, americano; japonês ou slavo, Pois, precisamente, por ser fato consumado pela burguesia merece arrepiamento dos revolucionários, refugo direto, inadmissibilidade, combate vivo, repugnância completa.

Nossa propaganda, em vez de ser a de colaboração com a burguesia católica, essencialmente demagógica e antiproletária, deve ser a de **formal denúncia**. Temos de mostrar aos trabalhadores que, por trás dessa medida vestidinha de socialismo, está um requintado expediente, uma ignóbil farsa para mais uma vez iludi-lo, afastando-o, com a falácia de propinas subornantes, da verdadeira luta contra o capital e seus sustentáculos.

Nada pois de participação de lucros!

(1) — Reflexo da última internacional de Bruxelas onde preponderaram católicos.

Oponhamos a tal participação dissolvente, a propaganda da *expropriação*, embora remota.

Voltarei ao assunto

JOSE OITICICA

Conferência

(Continuação da 2ª pag.)

Terminada a palestra às 10 horas da noite, foi o *companheiro* Oiticica alvo de um chorrilho de objeções e perguntas a que respondeu, finalizando a reunião quase às onze horas com perfeito contentamento de todo o auditório.

Um exemplo japonês

em vez de participação nos lucros apropriação das fábricas

Havia no Japão, antes da ditadura militarista, forte movimento anarquista que arvorava uma bandeira toda preta. *Supunhamos extinto o movimento; mas, as notícias recentemente dadas pelo Industrial Worker de Chicago parecem revelar que a atividade dos companheiros japoneses recomeçou com desusado vigor.*

Segundo o *Industrial Worker* confirmado por outros periódicos, deu-se em março último, no Japão, um fato extraordinário, realização bem lograda de uma tentativa já feita em 1920, nas fábricas de Milão e em 1936, em França. Trata-se nada menos que de uma *apropriação de fábricas em larga escala* por parte do operariado nelas empregado.

Os trabalhadores da empresa química dos arqui milionários Mitsubishi exigiram, em 1 de março, aumento de salário, 300 por cento. A gerência negou, exprobrando-lhes a ameaça de greve pois a parada nas indústrias químicas seria incomportável desgraça para o país. Este pedia, realmente, aumento de produção.

Responderam-lhes os trabalhadores, com toda a cortesia, propondo-lhes um meio de não haver greve, de haver, ao contrário, aumento de produção, e este era porrem-se os administradores ao fresco e entregarem-lhes as fábricas. Como era de esperar, houve recusa viva.

Então, os operários os expulsaram das uzinas e tomaram a seu cargo toda a produção. Elevaram seus salários nas proporções requeridas, a produção mais necessária, o metanol, cresceu 22 vezes.

Esses salários elevados vão eles recebendo desde março e, honestissimamente, depositam, todo fim de mês, os lucros num banco à disposição dos donos das empresas.

Consta que outras fábricas estão sendo ocupadas por trabalhadores, alegando estes que a greve os esfomearia e esfomearia o povo, sendo muito mais expedito proceder pela ocupação.

Assim, enquanto o capitalismo, sempre matreiro, vem querendo iludir mais uma vez o trabalhador com promessas de participações nos lucros, os obreiros japoneses aplicam a *ação direta* expropriativa de resultados verdadeiramente revolucionários e certos.

Ao passo que a participação é uma comédia torpe de que ri a burguesia, a expropriação é tragédia para ela; com a expropriação não rirá, pois revela a consciência do operário e a questão social se apresenta com sua solução exata.

Apelo à Solidariedade Internacional

Recebemos da Delegação da S. I. Americana em França o seguinte apelo:

O problema da assistência solidária à multidão imponente de vítimas das perseguições e dos crimes do fascismo mundial apresenta-se-nos com aspectos cada vez mais angustiosos.

Enquanto os burocratas e funcionários no governo Giral se entregam a uma merenda de negros, distribuindo entre si fantásticos subsídios, criando prebendas e sinecuras e assinando dietas principescas; enquanto os detentores do patrimônio da nação espanhola vivem e empreendem fabulosos negócios manobrando com fundos que não lhes pertencem, nos campos de concentração de França agonizam lentamente centenas e centenas de incuráveis e mutilados, sobreviventes da guerra de Espanha, resgatados dos campos de extermínio da Alemanha, feridos de morte, para os quais não houve nem haverá cura de repouso, superalimentação, cautério físico e moral de que necessitam as espantosas lesões recebidas no corpo e na psique. Nos cárceres de Espanha contam-se aos milhares os presos para quem não soube, nem quis o governo espanhol organizar assistência no exterior, para eles e suas famílias.

S. I. A. é a única organização de ajuda que defrontou valentemente esse angustioso drama e fez chegar a campos, sanatórios, viúvas, enfermos e mutilados, suas generosas contribuições.

Todavia, embora grande, fraternal, digna de todo elogio e profundo reconhecimento a obra realizada, ainda não podemos dar-nos por satisfeitos.

Devemos chegar com ela até os cárceres de Espanha, até os lares das viúvas e órfãos, das vítimas do terror franquista. Hoje podemos socorrer um pouco as vítimas das perseguições nazistas; contribuimos e contribuiremos para a luta contra o fascismo no interior de Espanha e devemos chegar até os que, sepultados nas masmorras da Espanha negra, necessitam de apoio material e amparo espiritual, do calor do auxílio solidário para que se lhes tempere e reconforte o ânimo, se agite a coragem, mais indomável se faça ainda e mais acerada sua vontade.

Obreiros, intelectuais, homens da oficina e do laboratório; trabalhadores do músculo e do pensamento; mulheres, mães que, ao estreitardes ao peito vossos filhos, deveis pensar em todas as mães desventuradas, em todos os filhos sem lar e sem pai, ajudai a S. I. A.; trazei à S. I. A. vosso óbulo e vosso concurso; pensai em que, através da S. I. A. e sua gestão responsável e solidária, contribuis para a luta contra os inimigos seculares do espírito humano, do progresso e da liberdade dos povos! Auxiliando as vítimas, atuais contra os victimários; arrostando os verdugos, levantais o coração e sustentais a fé dos mártires.

S. I. A. com a obra solidária até agora realizada por meio de envios diretos e através da gestão de sua delegação em França, acreditou-se e acredita-se como veículo mais direto e seguro para fazer chegar vossos donativos aos necessitados, aos desvalidos, aos presos e aos perseguidos!

Ajudai a S. I. A.! Respondei em massa aos apelos da S. I. A.; multiplicai vossos esforços. Pensai em que não podeis dormir satisfeitos com vós mesmos quando a vossa mente acuda a lembrança de tanta miséria, tanto infortúnio, tanta injustiça, tanta ignomínia, sem que, para remediá-lo e evitá-lo, hajais feito algo de vossa parte.

Nada há sido, através da história, tão grande e tão efetivo como a solidariedade humana praticada pelos homens e pelos povos à margem de todo Estado ou gestão oficial. Atrás destes se emboscam sempre os mercados, os proventuários do infortúnio alheio, das tragédias individuais ou coletivas. S. I. A. continua essa tradição gloriosa da solidariedade humana que sustentou e defendeu o direito de todas as vítimas.

Pelos mutilados, pelos enfermos, pelos desvalidos, pelos presos, por todas as vítimas do fascismo, em Espanha, em França, no mundo! Que a palavra **solidariedade** seja a expressão mais alta da consciência dos homens e das multidões responsáveis de seu direito e força.

Que em redor de S. I. A. se agrupem todas as boas vontades, todos os corações generosos, todos os pensamentos livres.

Praticai, incansável, fervorosa, abnegadamente, a autêntica, a sublime solidariedade internacional antifascista

Pede-vos, em nome de milhares de milhares de viúvas, órfãos, mutilados, enfermos e presos, pela Delegação da S. I. A. Americana em França,

Federica Montseny

Notícias Anárquicas

1 Campanha da Sac na Suécia contra o armamentismo. O governo sueco planeja intensificar seus armamentos. Contra isso, iniciou a Sac *Sverges Arbetares Centralorganisation* — Organização Central Sueca do Trabalho) acesa campanha. Alega, em manifesto, que, humanamente, o epílogo da segunda guerra mundial seria o desarme geral e liquidação dos aparelhamentos militares, fonte de tantos gastos e misérias. Ora, em vez disso, os Estados de tudo se preocupam, menos de tal cousa. Ao contrário, continuam na corrida às armas, requintando-as, inventando novas e tratando da paz como numa rinha de galos de briga. Revela o manifesto haver na Suécia tendências militaristas e é contra essas tendências que a Central sueca move sua intensa campanha.

2. A conquista das seis horas na Argentina. Intensifica-se na Argentina, a campanha lançada pela Federação Obreira Regional para impor o dia de seis horas em vez de oito. Esse movimento, iniciado em 1906, tratado no Congresso da A. I. T. de 1922, vai, segundo *Organización Obrera* (número de agosto) «conquistando paulatinamente a consciência popular». Já existe, aliás, nos trabalhos chamados *insalubres*.

Até hoje, com efeito, as conquistas maiores têm sido a de limitação cada vez maior, do dia de trabalho. No Rio, meio século atrás, os empregados no comércio trabalhavam das 6 às 21 horas, isto é, quinze horas por dia. As lutas sindicais, graças à orientação anárquica, reduziram essa jornada quase à metade.

Defendendo essa conquista como obra revolucionária diz *Organización Obrera*:

«Possibilitando ao trabalhador mais horas de descanso, contará ele com precioso tempo para cultivar a inteligência e saborear os doces encantos das cousas do espírito. É sabido que um operário, submetido a tarefas esgotantes, será, no melhor dos casos, um inconformado grunhindo sua *mal sorte*; nunca será um revolucionário consciente, consciente das causas dos seus males e misérias sociais, capaz de soluções ideais para extingui-las, unido a seus semelhantes. Além do profundo sentido solidário dessa conquista — obter emprego para seus irmãos de exploração — a jornada de 6 horas é um dos meios mais eficazes para defender as próprias conquistas econômicas. A procura de braços, no mercado capi-

talista, sustem as condições de trabalho e de jornas, impedindo aos burgueses mão de obra barata por excesso de trabalhadores desocupados. Desse modo não se alastra a competência e luta fratricida e estéril entre o obreiro que trabalha e o que deambula à cata de ocupação, luta de que se aproveita o capitalismo e a ordem inhumana que o mantém».

Na Argentina, tanto maior razão assiste à F. O. R. A. no mover tal campanha, quanto foram concedidas as 6 horas aos agentes de polícia!!! Se merecem estes a jornada de seis horas, sem nada útil produzirem, muito mais direito assiste aos que lidam nos trabalhos realmente produtivos.

Pense também o trabalhador brasileiro nessa conquista das seis horas; mas, lembre-se de que só ele, trabalhador organizado, poderá conseguir isso, por suas próprias mãos. Nada de líderes, nem de chefes, nem de padres, nem de deputados ou partido. Eles só cuidam dos seus próprios interesses!

ESTUDOS SOCIAIS

Os primitivos nômades, em relativa ignorância, sob a influência de seus sonhos e diante da incompreensão dos fenômenos, viram-se forçados ao exercício e desenvolvimento da imaginação, sempre que se interrogavam sobre os mais simples problemas.

Da fértil imaginação dos primitivos surge a crença nos espíritos.

Absorvido e dominado pela idéia fixa da causalidade do homem primitivo ligava todos os fenômenos a uma causa necessária. — No homem vivo observam-se os mais variados movimentos; o bater do coração, a pulsação das artérias, etc.; no homem morto tudo é imóvel; logo, deduziam eles, o que num vivo estremece e se agita é a causa determinante da vida. E essa causa é a alma, é o espírito que, quando alguém morre, abandona o corpo.

Correspondeu a crença nas almas o fetichismo, que sustenta a encarnação do espírito num objeto qualquer. E esse é o ponto de partida de quase todas as concepções religiosas, segundo os maiores historiadores da religião.

Com a evolução do fetichismo ao totemismo (crença numa divindade que se encarna num animal de que o tributo deriva sua origem) a religião recebeu um caráter social, cujo princípio é o sentimento da dependência do homem a poderes superiores desconhecidos, dos quais deve converter-se em escravo.

Dêsse modo, a religião está intimamente ligada e confundida desde os seus primórdios, com a noção do poder, da superioridade sobrenatural, da coação e do domínio. E eis a razão

porque toda política, por essência, é religiosa, pois, com a religião mais lácil lhe será manter o espírito do homem nas grades da dependência. O hábil político, embora seja ateu, não exclui de seu partido o nome de Deus, e defende a necessidade da fé religiosa.

A religião é para os governos o maior fundamento da escravidão. Quando certo grupo se apropria dos produtos do trabalho, das ferramentas e das armas, para dominar outro grupo, este se submete a nova ordem, doutrinado por sacerdotes, cujo conselho é a submissão passiva e a conformação sob os desgnios de Deus.

O domínio, poa mais violento e poderoso, não se eterniza sem a crença do homem na inevitabilidade do poder, sem a crença na missão divina da autoridade. O temor a Deus foi sempre a condição espiritual de toda submissão voluntária, que constituiu, em todo instante, o alicerce eterno da tirania. Despertar uma crença no povo é propósito de toda política, pois a religião prende o espírito do homem e restringe seu pensamento a determinadas normas externas, embora lhe sejam completamente adversas. Pelo fato de ser toda inovação contrária à religião e consequentemente á política, defendem os religiosos a tradição, com ardor e desespero. Pois eternizar o tradicional é nutrir a ignorância, é corromper a evolução é assinar o desenvolvimento social.

É tradicional a crença num poder soberano, vinda dos primitivos, defendida pelos políticos e propagada pela religião, durante séculos e séculos, para garantir dos princípios do absolutismo. E assim é que se espalham pelos monuais e compêndios de sociologia que «a Igreja e o Estado têm, cada qual, sua missão na terra, ambas nobres e necessárias para felicidade do homem»; quando na realidade, encarnam a infelicidade, a angústia e o desespero que de **concordata** a **concordata** afogam os direitos do homem em nome de Deus e dos princípios divinos.

Uma prova de que todo poder, essencialmente os mais autoritários e desumanos, procedem de Deus (da superstição de um poder soberano sobre todos os seres) temo-la quando Moisés recebe, diretamente das mãos de Deus, as tábuas da lei, que começam assim: «Eu sou o Senhor, teu Deus; não debes ter outros deuses junto a mim». Que bonita fantasia! Que escandalosa contradição!

Continua na pag. 3.

Apelo

Temos de aumentar nossa tiragem; mas, como já dissemos outro dia, a venda avulsa dá enorme **deficit**. Só um meio há de arcarmos com as despesas de maior tiragem. É estender-se a lista dos contribuintes e dobrar cada qual sua contribuição. Nosso periódico não é comercial, não aceita anúncios; não é político, nem publica, a tanto por linha, notícias ou reclamos; em suma, não temos matéria paga.

Logo, apelamos para os entusiastas de **Ação Direta**. Procurem novos contribuintes. Dobrem ou tripliquem suas contribuições.

Atrás das palmas, a **ação direta**, ainda com sacrifícios.